

SALVE-SE QUEM PUDER!

Carlos Honorato, outubro de 2016.

O Estado possui como missão maior garantir o presente e o futuro dos seus cidadãos. Na verdade isso não é novidade, pois desde Locke e Rousseau (um mais liberal e o outro nada liberal!) se sabe disso. O que se tem, hoje, no entanto, não é nem caricatura de qualquer modelo de Estado aceitável. A saúde e a educação já faliram há muito tempo, condenando, de forma decisiva, o futuro na nação e suas futuras gerações. A saúde, completamente anacrônica, funciona apenas no papel e nas discussões destes detestáveis políticos que tentam conduzir a opinião pública. A educação só não está no fundo do poço, pois já passou dele e apresenta níveis de qualidade inferior a alguns dos países africanos que nem possuem sistemas formais e estruturados de educação pública. Com a saúde em frangalhos e a educação caminhando de “mal a pior”, os nossos “nobres” políticos e burocratas já conseguiram comprometer, de forma irreversível, o futuro da nação. Passamos de uma “nação do futuro”, para uma “nação sem futuro”. Não satisfeitas com o aniquilamento do futuro nacional, os ditos “homens públicos” estão, agora, fazendo de tudo para acabar com o que nos resta do presente. Para isso, estão investindo pesadamente na “insegurança pública”. Como mostra, de forma muito lúcida, o articulista Pugina (ZH de 15 e 16 de outubro 2016), o investimento em insegurança possui basicamente dois focos: a) o infraestrutural; e b) o superestrutural. O infraestrutural é fruto da redução drástica dos recursos em segurança, que já fez com que a segurança privada ficasse 50% maior que a segurança pública. Este número ainda vai aumentar, pois a segurança pública está e vai continuar encolhendo a uma taxa superior a 8% ao ano, especialmente em termos de efetivo, e o crescimento da segurança privada cresce a uma média superior a 12% ao ano (segundo a Epavi). Estima-se que em 2020 70% a 80% da segurança seja privada e não pública. Dito isso, tem-se que o Estado está abandonando e vai abandonar, cada vez mais, a segurança e, com isso, entraremos na era do “salve-se quem puder!”.

Paralelamente a esse encolhimento de recursos, existe toda uma construção ideológica de vitimização da bandidagem feita, justamente, pelos nossos “nobres” representantes, no sentido de tornar a vida deles (dos bandidos!) melhor e mais tranquila. Segundo Pugina, os que defendem o desarmamento da população e a não construção de presídios realmente seguros que funcionem como presídios, os que

argumentam que existem presos demais, alguns juízes e seus julgamentos pró-bandido e, por fim, os que defendem que os bandidos são seres humanos esplêndidos que tiveram suas realizações impedidas pela sociedade burguesa, são os maiores defensores, na verdade, do grande aumento da violência e insegurança.

A situação, por outro lado, chegou no seu auge quando nossos “nobres” representantes conseguiram “fabricar” toda uma legislação que impede que a segurança privada, a não ser em raras situações, possa usar armas de fogo. Ora, então o que temos, em resumo, é: a) a segurança pública completamente falida e impotente para fazer frente ao aumento exponencial da violência; b) a segurança privada (a última que sobrou!) desarmada, logo não podendo nem defender a si mesmo; e c) nós, o pobre povo pobre, jogados em um cenário de insegurança total e absoluta, em que a única regra é: “salve-se quem puder”. Enquanto isso, eles (os “nobres” representantes) já compraram apartamentos em Miami para fugir da nossa declarada guerra civil contra a bandidagem. Nunca na história desse país tantos nobres representantes tiveram apartamentos no sul dos Estados Unidos, inclusive aqueles que se autointitulam de esquerda e ficam vomitando discursos contra os “imperialistas americanos”!

Para nós, o pobre povo pobre, a única coisa que nos restou e a única regra que deverá marcar nossa vida futura é: “salve-se quem puder!”.